

# Pensar a ética utilitária a partir da ética do cuidado considerando as assistências e as políticas da mediação em saúde

To think utilitarian ethics from the ethics of care considering the assistance and policies of health mediation

Ermano Rodrigues do Nascimento  
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

## Resumo

Pensar a ética num contexto socioeconômico, político cultural em que estamos inseridos no atual contexto de mundo e de Brasil é muito desafiador. Porém, a questão central aqui desenvolvida diz respeito à realidade brasileira, principalmente, a situação do Nordeste brasileiro que, acima de tudo clama por justiça social. Sendo assim, tratamos de descrever algumas ideias sobre a ética quanto às dimensões de sua utilidade e do ato do cuidar. Por conseguinte, é de suma importância tratar também da ética no nível de assistência acompanhada de mediações como atitude da práxis humana. Diante disso, vamos abrir a discussão para uma ética como fruto do pensar para o cuidar por se tratar da questão das relações interpessoais numa dimensão de alteridade.

**Palavras-chave:** Ética. Pensar. Cuidado. Políticas. Saúde.

## Abstract

Thinking about ethics in a socioeconomic, political, and cultural context in which we are inserted in the current context of world and Brazil is particularly challenging. However, the central question developed here concerns the Brazilian reality, mainly the situation of the Brazilian Northeast, which, above all, calls for social justice. Therefore, we try to describe some ideas about ethics regarding the dimensions of their usefulness and the act of caring. Therefore, it is of the utmost importance to also deal with ethics at the level of assistance accompanied by mediations as an attitude of human praxis. In view of this, we will open the discussion to an ethics as a result of thinking for caring because it deals with the issue of interpersonal relationships in a dimension of otherness.

**Keywords:** Ethics. To Think. Care. Policies. Health.

## 1 Introdução

A presente reflexão quer destacar a relevância tanto da ética quanto do cuidar humano são essenciais para podermos desenvolver uma consciência crítica cidadã, por se tratar de uma experiência humana que se manifesta pela atitude de doação/entrega numa relação profundamente humana para que a pessoa humana se sinta mais pessoa e mais humana.

Portanto, tratamos de três atitudes significativas para o ser humano. Primeiro, a atitude do pensar para o agir mais coerente de suas ações. Segundo, a dimensão ética como fundamental para que o ser humano se torne mais humano e mais justo. Conseqüentemente, mais respeitoso e solidário para com os demais. Num terceiro momento, a atitude do cuidar. É pelo cuidar que o ser humano se torna capaz de realizar a dinâmica do amor e da cooperação entre si.

A pessoa humana é o centro referencial do valor e o ser humano urge a tomar consciência de experiências cada vez mais humanitárias e solidárias na busca da justiça. Pois, quem cuida vai se tornando mais sensível à condição humana do outro. Então, na realidade em que vivemos o ser profissional tanto o professor quanto o médico ou tantas outras profissões quanto mais humanas se tornam as pessoas, mas elas se formam interiormente e se abrem ao ser como um verdadeiro missionário do amor, da gentileza que o conduz ao cuidar de tudo o que está ao seu redor, seja o animal, as plantas, a água e, mais ainda, o ser humano.

Vivemos realidades sub-humanas gritantes. É o estado de injustiça social que cada vez mais se torna espúrio e grita aos olhos de todos o desprezo e descuido que hoje aflora o mundo todo. Consta-se que o período de

pandemia os mais ricos se tornaram mais ricos e os mais pobres se tornaram mais miseráveis.

Contudo, a nossa reflexão que aqui desenvolvemos nos coloca diante de vários desafios que nos motivam a sermos mais humanos e mais responsáveis pela luta em prol da dignidade humana e da vida. Com implicações no cuidar de tudo o que está ao nosso redor e, fundamentalmente, a saúde das pessoas e a promoção da saúde é luta de todos. Então, esperamos fazer uma boa reflexão de forma provocativa na construção da formação da consciência crítica e cidadã.

## **2 Da ética utilitária à ética do cuidado**

Como o ser humano vive por si só, independentemente dos outros seres, toda uma dinâmica de sua existência pautada nas características fundamentais de sua ontologia humana, compreende, contudo, uma complexidade que o faz viver dualisticamente o aqui e o agora da sua história. A subjetividade humana tenta expressar o que o homem traz consigo mesmo com o objetivo de fortalecer o autoconhecimento que, por si só, se coloca diante das próprias contrariedades do mundo real estabelecidas pela contingência da materialidade do ser.

A vida entendida no cotidiano e a vida como sentido da sua existência trazem possibilidades de autodescobertas de si como valor, como também limitações em seu interiorizar-se e seu internalizar-se na compreensão do ser em si enquanto ser. Esse papel está para a consciência enquanto elemento primordial do ser humano que o leva a tomar consciência de si mesmo progressiva e paulatinamente. É fundamental que o homem se perceba esse ser que aí se encontra, porque o

homem é um ser de encontro constante com tudo o que o cerca, isto é, o outro, o universo e a busca de entender enquanto ser de transcendência. Essas possibilidades levam-no ao encontrar-se consigo mesmo e a entender-se como ser para os demais. Heidegger (1990, p. 52) diz que “O que se busca é um poder-ser próprio da presença por ela mesma, testemunhado em sua possibilidade existenciária”.

O cuidado é aquela condição prévia que permite eclodir da inteligência e da amorosidade, o orientador antecipado de todo comportamento para que seja livre e responsável, enfim tipicamente humano. Cuidado é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à da entropia, o desgaste natural de todas as coisas, pois tudo de que cuidamos dura muito mais (BOFF, 2003, p. 22).

A forma romântica de Boff apresentar o cuidado é, na verdade, uma maneira otimista de acreditar utopicamente na possibilidade da realização do cuidado. A realidade é muito contraditória. O cuidado requer que nesse olhar sobre o outro haja uma implicação solidária, porque dela emana um sujeito ético com incidência sobre a vida humana. Segundo Melo, em Levinas, a questão ética implica desconstrução a partir da formulação de interrogações a cerca da ética e do valor. Por isso, as bases da ética da alteridade são definidas a partir da desconstrução do edifício ontológico. Nesse sentido, Levinas (2003, p. 202) parte da impossibilidade da racionalidade ética ser fundada no sujeito, no nominativo do Eu penso – Eu –, para a possibilidade ética centrada

num outro modo de ser, além da essência -, no Outro, no acusativo – Me – da resposta: *eis-me aqui*. Ainda, seguindo essa mesma lógica afirma Melo que “O estatuto ético da alteridade é a obra que garante a liberdade. Ele é garantia do fim da tirania e das suas consequências maléficas, chamadas de “justiça”” (LEVINAS, 2003, p. 206).

A relação de solidariedade significa que é possível o indivíduo colocar-se no lugar do outro. Então, podemos afirmar também que essa recíproca se torna verdadeira. Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, afirma que ‘das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos’ (2004, p. 30). Consequentemente, o amor, a candura, a doçura, o cuidado ao próximo acontece à medida que a relação de alteridade está presente na compreensão ética. E a ética, por sua vez, está para o cuidado proporcionalmente ao doar-se do sujeito ético em relação ao outro. O outro não pode ser só o que está ao meu dispor, mas o que está na relação para, onde evidentemente acontece uma sintonia entre a condição humana do ser e o próprio ser. Portanto, “o exercício do cuidar não é uma mera técnica, mas, sim, fundamentalmente, uma arte” (TORRALBA; ROSELLÓ, 2009, p. 38). Torralba e Roselló cita Pellegrino que define o cuidar como aquele que constitui o fundamento moral a partir da prática profissional, isto é, “o cuidar é a base moral sobre a qual tem que se reformar nossas obrigações profissionais e nossa ética” (Ibid., 41). Na realidade, o que se sente falta é de que haja essa relação de proximidade na interação entre o sujeito e sua disposição moral e ética para melhor agir eticamente em relação ao outro.

Essa disposição relativa à ética do cuidado é uma condição para que haja mais respeito entre os humanos já

que ela passa por “uma moral do sentimento e da relação” (Ferrer, 2005:268). Enquanto isso se vive a contradição entre o agir e o fazer humano propriamente dito. Mas, por que há tantas contradições nas ações humanas? É tão difícil entender os valores éticos e praticá-los? A vida moral começa verdadeiramente pela resolução dos problemas ou não? Só haverá vida moral se houver partilha dos sentimentos? Que sentimentos são esses que o próprio ser humano os tem, mas não os alcança? Por outro lado o homem precisa deixar que seus sentimentos estejam sempre a florir e os conduza a aprendizagem do saber cuidar de si e dos outros. Mas, também parece que a praticidade da vida consiste em fazer e somente se preocupar da utilização desse fazer como resultado objetivo da ação humana. Esse mundo do utilitarismo pragmático tem uma ética. Mas que ética? Será que a ética utilitarista levará o homem a perceber-se como sendo mais humano?

Segundo Pessini e Barchifontaine (2002, p. 73), “o utilitarismo, defende a liberdade absoluta do cientista, cuja única obrigação é manter-se fiel ao esquema operatório da ciência, que consiste em formular hipóteses e verificá-las com o maior rigor possível”. E, continua com outro ponto de vista em que “o utilitarismo sustenta que a ciência tem o direito de fazer qualquer tipo de experiência e produzir tudo o que lhe é possível sem nenhuma forma de limitação extracientífica”. Portanto, a autonomia do indivíduo passa pela autodeterminação individual como afirma Po-wah (2012, p. 219): “a autonomia pessoal é importante porque é geralmente considerada fundamental à nossa agência moral”.

Se o mundo atual vive a partir de uma realidade basicamente pragmática e utilitária, baseada somente

numa desenfreada guerra da produção e do consumo sem muito critério ético, sem pensar nas consequências de bem ou de mal que possa trazer ao próprio ser humano, porque “o mercado é um processo de descoberta, em que diferentes alternativas são experimentadas e selecionadas por escolhas de consumidores” (PETRONI, 2012, p. 331). Isso nos mostra que como esse mesmo homem só pensa no acúmulo do ter em detrimento do ser, então, significa que essa lógica está em descompasso com o próprio homem, mesmo assim, na visão otimista de Mounier (1972, p. 105), “Todo homem um dia torna-se humano”. E, segundo Camus *apud* Mounier, “o mal que existe no mundo, vem quase sempre da ignorância, e a boa vontade, pode fazer tantos prejuízos quanto à maldade, se não é esclarecida” (*Ibidem*). Não é por acaso que a desordem e desarmonia entre os humanos acontecem negando, todavia, a prática do cuidado. Não é por acaso que milhões de pessoas vivem no mundo de forma subumana. Não é por acaso que tantos males como doenças de alto risco afetam a humanidade e não se tem ainda solução. Essa falta de humanidade, de cuidado entre os próprios homens merecem mais atenção pelo mesmo homem que se autodestrói. Embora Mounier ressalte que “A humanidade não é aqui abstração, mas vive e palpita em cada um de seus corações, como sua mais humilde experiência, e também a mais segura” (1972, p. 45).

Por outro lado, o utilitarismo ou ética utilitarista tem em Jeremy Bentham seu principal promotor. Para Bentham *apud* Neves, “O utilitarismo é uma doutrina moral, de natureza teleológica e consequencialista, que considera a felicidade e o bem-estar como finalidade suprema da ação e, como tal, critério de moralidade

(princípio de utilidade)” (2008, p. 221). Enquanto Peter Singer como teórico apresenta um “utilitarismo baseado no princípio de igual consideração de interesses” (FERRER, 2005, p. 294). E considerando esse modo de ver a ética utilitária a partir da filosofia também sustenta que “as exigências morais estão para todos os seres sensíveis” (*Ibidem*). A questão se faz mais complexa exatamente quando se trata desses seres sensíveis. Que sensibilidade é essa que para os humanos se torna tão limitada e pouco compreensível? Por isso, Peter Singer fala do que a ética não é, como por exemplo, a ética não é um conjunto de proibições, principalmente em se tratando da sexualidade humana; não é um sistema de ideais elevados e nobres, mas inúteis na prática. Nessa concepção, a moral é reduzida a um sistema de normas breves e simples (Cf. (FERRER, 2005, p. 295).<sup>1</sup>

A relativização da vida humana baseada pura e simplesmente em normas morais simples e práticas parecem minimizar o próprio ser humano, pois mesmo sendo necessárias deve-se partir do princípio que a pessoa humana é centro referencial dos valores, logo, a pessoa humana exige mais dos princípios e, quando estes não satisfazem geram polêmica e desequilíbrio social. O Nordeste brasileiro é fruto dessa relativização de uma

---

<sup>1</sup> Jorge Ferrer trata de exemplificar a ética a partir de uma visão relativa ou subjetiva e, assim descreve como exemplo: “Para determinar se uma pessoa vive em conformidade com as exigências da moralidade, não basta saber quais são suas crenças morais. Uma pessoa pode conhecer os princípios éticos corretos e dizer, até com sinceridade, que crê neles, ao passo que prescinde totalmente desses princípios em sua vida prática. Essa pessoa não vive uma vida moral. Todavia, uma pessoa pode professar crenças morais pouco convencionais, estando convencida da retidão delas. Se essa pessoa guia sua vida por esses princípios que ela considera corretos, teremos de admitir que vive moralmente, por mais que estejamos convencidos da falsidade de suas convicções morais” (FERRER, 2005, p. 298).



pseudomoral, a de que tudo pode e tudo é possível, tudo é permitido. No entanto, a sociedade também, se torna exigente e seletivamente vai excluindo todo aquele que não se adequa aos padrões de comportamentos determinados.

Por sua vez, a questão ética sempre inspira a procurar respostas satisfatórias nas atitudes humanas. Peter Singer afirma que a moral não trata somente dos seres racionais, mas dos seres sensíveis, ou seja, todos os seres dotados de sensibilidade, todos os seres capazes de sofrer e de sentir felicidade são merecedores de igual consideração e que os seus interesses devem ser igualmente acautelados (princípio da igualdade). O estatuto ético de um ser é-lhe atribuído pela sua capacidade de sentir, pelo que todos os seres “sencientes” exigem proteção (Cf. Neves, 2008:224-225).

Segundo Peter Singer (*apud* NEVES, 2008, p. 224):

Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para a recusa de tomar esse sofrimento em consideração. Independentemente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que o sofrimento seja levado em linha de conta em termos igualitários relativamente a um sofrimento semelhante de qualquer outro ser, tanto quanto é possível fazer comparações aproximadas. Se um determinado ser não é capaz de sofrer nem de sentir satisfação nem felicidade, não há nada a tomar em consideração. É por isso que o limite da senciência (...) é a única fronteira defensável da preocupação pelo interesse alheio. Marcar esta fronteira com alguma característica como a inteligência ou a racionalidade seria marcá-la de modo arbitrário. Por que motivo não escolher uma outra característica qualquer, como, por

Entre a ética utilitarista e o cuidado poderá existir uma relação profundamente humana. Entretanto essa relação não pode se dá simplesmente no plano material ou especificamente no sentido de posse. O contexto é outro. O indivíduo deve ser tratado como pessoa e não como objeto. Se o “homem é fim e não meio”, então torná-lo objeto e reduzi-lo a mera mercadoria, significa que como mercadoria se torna descartável. Por um lado, se tem o trabalho escravo, por outro esse mesmo trabalho pode ser permutado como, por exemplo, um trabalhador numa fazenda no Nordeste brasileiro é um escravo submetido às ordens do fazendeiro. Doutro lado, o jogador de futebol que é permutado de acordo o valor monetário oferecido ao clube que o detém como objeto de troca e venda. A diferença em ambos os casos é o valor econômico, de quem ganha e de quem perde. Essa não é a lógica da ética utilitarista até então vista, pois ela trata de buscar o bem e a felicidade para todos e não somente para um indivíduo. O cuidado nessa ética deve ser visto como sendo favorável ao homem encontrar a sua realização coletivamente e inclusivamente encontrando respostas aos seus enigmas e desafios.

Engelhardt (1998, p. 63) chama a atenção para a objetividade da ética enquanto espaço de reivindicação com as obrigações morais, já que a liberdade é uma dimensão inerente ao próprio homem, mas ele ainda não aprendeu a expressar essa sua liberdade e a usa de maneira a sacrificar a liberdade do outro, implicando uma atitude ética e/ou moral particularizada e não partilhada.

É difícil estabelecer a objetividade das reivindicações relativas às obrigações morais essenciais, aos direitos morais essenciais, a

quaisquer avaliação e preferências morais. Para resolver (...) é preciso compartilhar promessas morais fundamentais, regras de evidência moral e regras de inferência moral.

Se as coisas estão para o homem e não o homem para as coisas significa então que esse mesmo homem se torna senhor de si mesmo enquanto se torna o único ser ético ou o único sujeito ético propriamente dito. Kant expressou a seguinte sentença sobre essa condição humana, “o ser humano é digno; as coisas são úteis” (KANT, *apud* PESSINI, 1995, p. 71). Logo, não se podem confundir as coisas com o homem e, conseqüentemente, uma ética utilitária não significa dizer que a coisificação do homem, pelo contrário deverá ser a ética que trate do homem como o agente principal e responsável por si e pelos demais; só assim ele passa a ser considerado como aquele que cuida e é portador do cuidado. Preservar a condição humana, sua dignidade, sua vida e tudo o mais que faz parte é saber doar-se na construção do humanizar.

### **3 Ética de assistência e políticas da mediação**

A bioética, desde seu início, de seu despontar nos primórdios dos anos 70, teve a preocupação de fazer com que renascesse uma nova visão e/ou postura humana em torno da ética. Não significa qualquer ética, mas, principalmente, as éticas relacionadas às áreas da saúde, das pesquisas biomédicas envolvendo os seres humanos.

Com o passar dos últimos anos, a reflexão bioética abriu um leque de visões éticas em várias áreas do conhecimento promovendo uma abertura ao homem de se voltar de forma atenta e cuidadosa sobre ele mesmo, porém com a preocupação fundamental de se relacionar

eticamente com os outros. Diante de toda essa investida humana já foi possível se obter grandes resultados e avanços, pois possibilitou ao homem essa reflexão que lhe faltava de atentar contra tudo aquilo que lhe causava mal, que o colocava sempre numa condição de risco por não ter percebido a necessidade de mediações éticas que lhe dirigisse para novos rumos de sua história. Portanto, hoje é possível o homem falar, tratar de ações éticas, principalmente aquelas voltadas para a assistência à vida, dando-lhe uma cobertura maior e uma conotação tanto mais subjetiva quanto objetiva na perspectiva de superação e soluções das situações críticas e problemáticas que o afligem.

Toda celeuma levantada nas últimas décadas em torno da ética possibilitou ao homem enxergar mais longe tanto para elaborar quanto para aperfeiçoar códigos sobre seus direitos e seus deveres numa reflexão sobre a vida, sobre a natureza, sobre a condição humana e sua natureza e tantos outros desafios que necessariamente o impulsionaram cada vez mais investir mais dignamente em atitudes transformadoras visando ao bem da humanidade. Nesse sentido, o conhecimento humano, científico, tecnológico e biotecnológico tem colocado o homem em certo *status*, elevando-o ao *podium* por tantas revoluções e conquistas cientificamente alcançadas. Mediante isto o espírito humano tem dado largos passos relacionados à sua liberdade, podendo criar e recriar seus inventos. A questão que se tornou o alvo das discussões éticas são exatamente aquelas que giram em torno das questões como o que fazer; como fazer, para que fazer. É com o objetivo de dar sentido a dimensão teleológica que faz do homem esse exímio ator e protagonista do mundo. Como ressalta Santos (2007, p. 15), “O mundo é

complicado e a mente humana não o pode compreender completamente”.

A questão ético-bioética perpassa toda ação humana e, nesse sentido, passa a ser aquela que estabelece essa ponte rumo ao futuro protagonizado por Potter num processo de reestruturação mais consciente do homem. Embora, vivamos hoje voltados para o mundo da biotecnologia e com todo seu potencial de desenvolvimento técnico e científico, não podemos descurar das condições e fundamentações éticas necessárias. Nesse sentido, a ética na saúde e para a saúde passa a ser a mediadora por excelência norteando humanamente as pesquisas. Todo esse desenvolvimento humano só funciona porque existem mediações e seus atores que facilitam a observação e o acompanhamento da realização procedimental de maneira ética que não lese a condição da dignidade humana.

Contudo, ao tratar nesse ponto de éticas da assistência e políticas de mediação, evidentemente, quer se trazer à tona as ações desenvolvidas sobre a realidade que pela sua complexidade exige desse mesmo homem medidas cabíveis de superação dos próprios limites. Como um dos principais e grandes desafios está em combater as doenças e a manutenção de uma assistência permanente em todo o campo da saúde pública, logo, faz-se necessário que o gestor público realize as políticas propostas envolvendo as pessoas como mediadoras primeiras dessa ação.

A ética é basilar nas ações humanas e dar ao homem o devido suporte para maior coerência no seu modo de agir dignamente. Todo e qualquer investimento e desprendimento humano na realização de políticas mediadoras, principalmente, públicas exigem uma ética

aplicada como caminho que valide todo empreendimento que o homem é capaz de agir e fazer realizar com sucesso em prol da sociedade.

É fundamental a tomada de consciência de que o ponto crítico, muitas vezes, encontra-se no próprio gestor que, em muitos desses empreendimentos, não quer respeitar a dinâmica da ética da vida. Será que o gestor realmente prescinde da ética para a realização das suas ações e governabilidade? Será que lhe falta visão crítica do que é governar para o bem comum? Ou ele não está preocupado com nada disso? A questão ética se torna o calcanhar de Aquiles daqueles que tentam contrariar a lógica do humano. O gestor público deve ter consciência e clareza suficiente na elaboração de políticas públicas como mediações eficazes no combate à doença, ao analfabetismo tendo em vista não só a prevenção, mas a erradicação do mal. Esse é o grande drama no Nordeste brasileiro que convive com o desprezo, as fraudes, as injustiças praticadas no setor público. Muitas vezes as funções públicas direcionadas à saúde, como o secretário de saúde nos municípios, nem sempre estão ocupadas por alguém com formação em saúde. Segundo Moser, existe uma relação de responsabilidade social entre o universo e o agente de saúde por ter um conhecimento deontológico da ética profissional que lhe confere segurança e confiabilidade pública e esse referencial ético é condição *sine qua non*, no exercício profissional, ou seja,

No que se refere ao peso político do médico, ou agente de saúde, basta pensar no seu poder decisório no sentido de revelar ou ocultar enfermidades da classe dirigente; seu poder decisório sobre as contradições de admissão ao trabalho; dispensa do trabalho; atestados de doença ou saúde. No que

concerne a estruturação da sociedade é preciso perguntar-se se o fato de doença não convém aos interesses de certos grupos; indústrias farmacêuticas; classes dirigentes; empregadores, etc. Todo esse quadro nos faz perceber que medicina, biotecnologia e política encontram-se sempre relacionadas de modo positivo ou negativo (MOSER, 2004, p. 425-426).

Essa é uma discussão que nos conduz a perceber o valor da práxis social diante da responsabilidade do profissional da saúde. O agente de saúde exerce a profissão com um poder intermédio nas mediações das políticas humanizadoras sendo como que uma ponte entre a transformação e a conservação da dominação política e econômica numa sociedade.

Levando-se em consideração as reflexões éticas desenvolvidas pelas práticas do profissional da saúde podemos afirmar que ele é capaz de eliminar muitos males sociais. Essa atitude nas “mediações sociais” vigora a partir dos atores ou figuras políticas. Correia e Caramelo comentam que esses atores e essas figuras permitem o envolvimento de todos os setores da sociedade em seu campo especificamente profissional em que deontologicamente exigem-se posturas éticas condizentes com suas ações. Devemos ter presentes que se tratam também das “contradições dos sistemas de regulação social”, da “redefinição dos próprios problemas sociais, ou seja, numa recriação político-cognitiva do social”. Portanto, é de fundamental valor que cada segmento da sociedade tenha “seu estatuto de dispositivo de integração social e político na cultura e nas organizações” sociais (CORREIA; CAMELO, 2010, p. 13-15). Isto significa compromisso social, engajamento, inserção na realidade em que o

profissional está inserido.

As éticas profissionais exigem coerência em suas aplicabilidades práticas e quando isso não acontece e o homem se torna influenciável, conseqüentemente a consciência se torna relapsa e a negação do homem como homem acontece num processo gradativo, levando-o a perder a sensatez de suas ações, transformando-se em mentor de injustiças e escamoteador ideologizado da verdade. Essa prática conduz à desestruturação social por não cumprimento da ética constituída, gerando um caos social. Com o famigerado “jeitinho brasileiro”, a sociedade brasileira foi relativizando suas atitudes e relaxando sua prática, o resultado dessa atitude conduziu a sociedade a não confiar nas pessoas; a viver sob o clima de certo temor e medo de duvidar de tudo e de todos. Gera uma insegurança social. Diante de tal realidade, os modelos de mediação na política pública, principalmente, não têm sido suficientemente correspondidos a redirecionar a vida social do brasileiro, do nordestino. As políticas públicas estão voltadas e direcionadas para interesses partidários, de grupos ou pessoais. A sociedade vive um momento de transição ética comprometedora, na qual a falta de respeito entre as pessoas tem-se tornado um drama humano para encontrar a solução. E, por isso, o individualismo e o egoísmo exacerbados têm frustrado e destruído vários segmentos da sociedade civil como o fracasso dos movimentos sociais, sindicatos e associações como o dos profissionais de saúde que sentem a falta de maior compromisso do gestor público para com a saúde desde a preocupação com a formação continuada do agente de saúde a oferecer condições dignas nos tratamentos aos utentes.

Na realidade, há uma crise ética nos vários



segmentos da sociedade desde setores públicos ligados à política nacional a setores jurídicos. Na verdade, as coisas não funcionam separadamente, isto é, tanto a sociedade civil quanto a sociedade política impactam-se mediante os desafios surgidos. A sociedade civil é mais atingida pela falta de presença do Estado nas políticas públicas como possibilidades de superação dos desafios existentes, principalmente, na saúde. Podemos destacar setores como a família, a religião, os meios de comunicação social que como afirma Pelizzoli (2002, p. 143), tornam-se efetivamente uma “instituição de moldagem moral” como o cinema e a televisão. Nos setores educacionais e na saúde estão aquém do almejado. Infelizmente pouco se tem feito. A educação como elemento fundamental da formação da consciência ética e como a base que norteia e orienta para uma vida digna tem sido palco de desestímulo e de busca do conhecimento pelas novas gerações (escolas públicas) e as novas gerações (em sua maioria) chegam com bastante defasagem ao conhecimento, ao mundo universitário. Não se trata aqui de qualquer crise, ela tem alcance ético surpreendente. Mas, como existe uma ideologia falseadora da verdade, ela encobre os impasses, os desafios, os abusos sociais que se esvaem sobre lugares sociais politicamente estabelecidos na sociedade, gerando sérias críticas em busca da cidadania.

Claude Dubar, *apud* Correia e Caramelo (2010, p. 16), adverte para toda essa contextualização crítica com um efeito político significativo, já que se vive uma “democracia do político”, e, como a política é o grande reflexo da sociedade tanto pelo exemplo ético como pela qualidade das políticas criadas e ratificadas pela justiça, muitas vezes as contradições surpreendem a sociedade.

Mediante tal contexto, Dubar assim expressa esse sentimento: “vive-se hoje num contexto de crise dos princípios da representação política, (...) configurando o que designa como “democracia do político”, caracterizada essencialmente pela dimensão “espetacular” que a política assume, decorrendo da transformação complementar da temporalidade da ação, da linguagem e das relações entre os sujeitos da política”.

Não basta para uma sociedade eticamente estruturada viver de práticas assistencialistas como se vive no Nordeste. Contudo, é necessário que percebamos as contradições e incoerências que incidem pelas práticas existentes ou pela não vivência ética. Correia e Caramelo ainda ressaltam que existe em contextos como este certo

Processo de periferalização das contradições do sistema, para além de ter sido acompanhado pela produção de novos dispositivos cognitivo que, configurando a chamada nova questão social, conduziram ao abandono das políticas ocupadas com a injustiça e a desigualdade social a favor de políticas de combate à exclusão social, foi também acompanhado pelo aparecimento de novas problemáticas, entre as quais se destacam a da mediação social e a do desenvolvimento local (CORREIA; CAMELO, 2010, p. 17).

A mediação social política tem sido a mais evidente nos últimos tempos buscando encetar uma nova visão na sociedade do fazer política e do vivenciá-la, mas como esta está impregnada de discursos demagógicos e vícios de corrupção geram, por sua vez, indiferença social e descrédito pela política, daí surgir o voto de protesto elegendo-se qualquer figura politicamente exótica ou famigerados políticos corruptos servindo de uma forma

tipicamente grotesca da figura do político que aí se encontra representando a sociedade. Percebemos, também, que, a partir dessa dicotomia política, a sociedade ainda não conseguiu entender a seriedade de um processo democrático eticamente sustentável, sendo, portanto, capaz de validar seu apoio pelo voto representativo de protesto sem critérios embasados por uma consciência crítica, mas simplesmente pelo senso crítico ou comum. Ratificar determinismos sociais tem sido uma prática constante dos poderes dominantes com ações populistas, assistencialistas e paternalistas. A questão principal passa pela manutenção de uma situação acrítica de acomodação social ou paralisia social. Políticas públicas devem ser realizadas no intuito de erradicar a miséria humana em primeiro lugar, certamente que todas as políticas devem estar focadas num só e mesmo objetivo comum. Na sociedade brasileira, existe um pensamento crítico estruturado e mediatizado pela razão humana. Um olhar que exprime e exige mudanças estruturais no contexto local e no contexto global.

Na realidade, no atual contexto político/discursivo o conflito tende a ser encarado como uma perturbação nos modos de vida de uma sociedade". (Correia e Caramelo, 2010:27). Ainda, nesta reflexão, queremos salientar que a sociedade precisa encontrar alternativas fundamentais para que haja mudanças nas mediações e nas políticas públicas e partidárias, ou seja, "a produção de alternativas neste domínio subentende o desenvolvimento de um pensamento complexo, não aditivo, mas interpelante, capaz de promover uma dinâmica interpretativa alternativa à multiplicação dos níveis e das escalas de análise" (*Ibidem*).

Com esse ponto reflexivo, levaremos em consideração que não é possível uma sociedade nos tempos modernos desmerecer os processos de mediação, pois necessariamente são vitais e indispensáveis. As complexidades das sociedades políticas atuais são todas mediadas por vários fatores sejam intelectuais, científicos, políticos ou econômicos. Logo, não se vive no anonimato das transformações nem nos calabouços das masmorras empedernidas da história humana. Vivem-se processos profundamente ambiciosos, sejam quais forem que se apresentem no mundo contemporâneo. Infelizmente, ainda vivemos pouco uma ética impulsionadora de uma assistência que se dá pela gratuidade do ser para o ser. São as limitações humanas com que se convivem.

#### **4 Pensar a ética no cuidar**

“Não se nasce homem; paulatinamente nos tornamos homens. São coisas próprias da espécie humana: a linguagem, a arte, a religião, a física, as boas maneiras, a veste, a moral... e tudo isso se aprende” (FULLAT, 1995, p. 107). O homem é um ser em permanente construção. O homem se constrói a cada instante numa dinâmica dialética da sua existência. Essa dinâmica implica uma ação constante do agir e do fazer humano de onde brotam os grandes feitos dessa ação e atuação. Daí o “ethos cultural” incidir numa constante motivação para as definições dos atos humanos. Esse mesmo ethos vai sendo o catalisador das caracterizações adquiridas pelo homem em sua cultura. E “toda cultura encerra um conjunto de padrões de conhecimento e de conduta que devem ser aprendidos socialmente” (*Ibidem*, p. 157).

Não se pode pensar a ética sem está inserida num

contexto de cultura local ou mundial. Todo homem é um cidadão do mundo ou de uma grandiosa aldeia que é o mundo e os valores éticos estão para todos na mesma proporção de igualdade e de liberdade. Por isso mesmo, devemos ter um olhar cada vez mais crítico a partir de uma formação crítica das pessoas num processo de transmissão coerente desses mesmos valores ou na criação de novos valores. Então, em cada sociedade isso deve acontecer de forma que seja levado em consideração cada sujeito ou indivíduo como é em sua individualidade e com suas diferenças. Cada sociedade deve adaptar as suas novas gerações ao mínimo de valores que foram construídos pela própria sociedade. Abreu (2003, p. 42), por sua vez, destaca que,

O conceito de cultura encerra dimensões subjetivas e objetivas. Por um lado, engloba um conjunto de fatores subjetivos tais como valores, padrões de atitudes, critérios, modos de pensar e emoções. As dimensões objetivas compreendem os padrões de ação social, tradições, hereditariedade social, saberes e relação com o meio.

Nesse contexto, o homem, filosoficamente, como ser de abertura e de possibilidades tem sempre o novo como uma condição da transformação social e cultural. Mas paradoxalmente os estados totalitários e ditatoriais; ideologicamente tipificam o homem por meio das instituições governamentais como também das instituições sociais robotizando-o e alienando-o, tornando-o meio e não fim e, dessa forma fere a cultura em seus princípios ético-morais, principalmente quanto a atitude do cuidar. Daí, considerar “os indivíduos que pensam e agem de modo diverso dos prescritos numa sociedade dada são rotulados de “deseducados”, de maus e, em

casos extremos, até de loucos. Só o conformismo (...) é considerado virtude e correção” (FULLAT, 1995, p. 150).

Como vivemos num mundo em transição contínua pelos avanços científicos, tecnológicos e biotecnológicos, uma nova ética requer compreender os novos rumos que o mundo atual implementa acontecer. Esse pensar ético tem uma forte incidência, principalmente quando se trata dos avanços biotecnológicos que implicam a vida e a vida do ser humano. Nesse campo de visão específico, está toda produção científica em prol da vida e da saúde da vida. Logo, desponta um mundo novo da medicina, da biomédica, da biologia que diz respeito a buscar soluções para suplantar os males e as doenças que destroem a vida humana e dar mais condição para uma vida longa. No entanto, trata-se de grandes investimentos laboratoriais e os mesmos buscam o retorno econômico. Portanto, perguntamos: podemos acreditar e creditar numa nova dimensão da medicina de ser possível prolongar a vida? Como? Se for possível, estará a serviço de quem?

Certamente que existem entrave e limitação. Porém, nas pesquisas médicas e biomédicas atuais vislumbra-se um novo alvorecer de possibilidades de curas como grande esperança humana para doenças consideradas graves. A grande questão paira sobre quem terá direito a essas benesses produzidas pelas ciências hoje? Será que um dia a humanidade irá poder gozar de tais benefícios? Ao vermos as condições equidistantes do homem que vive em situações econômicas e socialmente instáveis fica difícil crer em tais possibilidades. É uma questão ética considerada crítica. É uma grande utopia pensar que os pobres e miseráveis do mundo poderão ter esses direitos. O Nordeste brasileiro é o retrato desse paradoxo humano, onde pobres e miseráveis vivem à

mercê da sorte e da medicina popular. Existe uma questão ética do cuidar que não chegou ainda à consciência daqueles que podem promover o bem comum, a saúde para todos mais humanizada, principalmente, investindo numa tecnologia de ponta a serviço da maioria da população.

Sabemos que a saúde pública é um direito social garantido legalmente, no entanto, esse direito não se realiza e nem concretiza muito facilmente. Santos (1987, p. 13) ressalta que “O direito à saúde e as políticas de saúde que o concretizam são uma das dimensões do chamado Estado-Providência ou Estado de bem estar”. Na realidade ainda é uma grande utopia humana. Porém, é prioridade do Estado gerir uma saúde para todos em condições de igualdade. E continua: “Enquanto gestor global (...), o Estado afirma-se portador do interesse geral, acima e além dos interesses particulares das diferentes classes sociais...” (*Ibidem*, p. 15). As políticas públicas de saúde no Nordeste brasileiro, por sua vez, têm dado muito espaço ao lobismo das empresas terceirizadas e das empresas organizadoras de planos de saúde particular deixando à mercê do descaso a saúde pública segundo a qual o caos está estabelecido com tanta falta de cuidado e de humanidade.

Quando se trata de pensar na ética do cuidar, devem-se levar em consideração as necessidades básicas de uma sociedade e questionar até que ponto está existindo uma ética e como se realiza essa ética no cuidar das pessoas pelos Estados e Municípios (no caso do Nordeste brasileiro)? Como os avanços de uma nova medicina podem chegar até a população, principalmente, a mais carente? Se as ciências médicas e biomédicas jamais poderão se fechar em si mesmas, já que seu campo

de responsabilidade social é muito vasto, implicando uma série de valores éticos e humanísticos que estejam para a promoção da saúde, por que há tantas barreiras para que esse compromisso aconteça? Se uma nova antropologia médica tem de ser aquela que enverede pelo viés crítico da sua própria reflexão e prática não deixando calar a voz dos sem voz e a falta de ética daqueles que descumprem a ética, então, como é possível isto acontecer? Por isso, a bioética tem se preocupado com muitos desafios que surgiram da prática médica e biomédica por não seguirem o código de ética médica tais como: experimentos em seres humanos, tráfico de órgãos, aborto, suicídio, eutanásia, inseminação artificial, clonagem, etc. Essa preocupação bioética remonta do seu próprio protagonista Van Rensselaer Potter em sua obra *Bioethics to the Future* onde ressalta, Potter apud António Araújo, “Eu proponho o termo Bioética como forma de enfatizar os dois componentes mais importantes para se atingir uma nova sabedoria, que é tão desesperadamente necessária: conhecimento biológico e valores humanos” (2004, p. 28).

Diante dessa nova realidade, hoje, trata-se de uma nova reflexão antropológica da medicina, isto é, uma antropologia médica crítica que busca romper os velhos paradigmas de uma medicina tradicional e conservadora. Segundo Abreu (2003, p. 204-205),

A antropologia médica crítica, enquanto escola de pensamento e prática antropológica, conquista uma posição singular no âmbito da relação entre a antropologia e a medicina. Define-se como puramente etnológica e recusa todo e qualquer compromisso com a bio-medicina, constituindo um saber antropológico a partir



da (des)construção do saber biomédico (Rechtman, 1998) e da denúncia do seu caráter opressivo sobre os saberes locais (Scheper-Hughes, 1990).

Em sua análise sobre a *Antropologia Bioética*, J. M. Pereira (1987, p. 189)<sup>2</sup> também trata da questão da antropologia médica e diz que

Os estudos de antropologia médica mostram que os curadores tradicionais se preocupam essencialmente com a "illness", isto é, tratam a experiência humana da doença, dão explicações significativas para a mesma, e respondem às expectativas pessoais, familiares e comunitárias que a rodeiam.

Em continuação as suas pesquisas sobre doença e cultura, Abreu faz alusão mais detalhada a uma pesquisadora norte-americana, Nancy Sheper-Hughes, que esteve pesquisando nas décadas de 60 para 70, no Nordeste brasileiro e vivenciou o drama humano da desolação, do descaso e da falta de cuidado para com as pessoas; pela falta de assistência e de políticas públicas sobre a saúde, educação, etc. Ela defende uma nova antropologia médica que seja capaz de alavancar novos rumos na construção da ética e da cidadania, do respeito à vida. Escreveu sobre o Nordeste brasileiro a seguinte obra em 1993: *Death without weeping: the violence of everyday life in Brazil*. "Nancy Scheper-Hughes (...), recusa um compromisso com a biomedicina e defende a aplicação do saber antropológico na 'desconstrução do saber biomédico e na denúncia do seu caráter opressivo sobre os saberes locais'" (2003:85).

---

<sup>2</sup> A falta de saúde decorrentes da doença do corpo ou da mente; doença. Acedido em (<http://www.thefreedictionary.com/illness>). 6 de janeiro de 2011.

Nesse sentido, uma nova visão antropológica deve conduzir a uma ação renovadora da práxis humana desenvolvida pela medicina, ou seja, deve ser construída uma medicina humanizadora que tenha como prioridade e objetivo o ser humano e o seu cuidado. Porque, quanto mais científica se torna a medicina, também se torna menos humana. Segundo Pessini, “a relação médico-paciente se desagrega, e começa a imperar na medicina a tecnologia (adoração da técnica)” (2002, p. 120).

Com os questionamentos da nova antropológica médica crítica necessária se faz a mudança de paradigmas éticos, ou seja, não seguir aleatoriamente as éticas tradicionais que imprimem premissas. Pessini (2002, p. 126-127) destaca três situações que levam a uma nova tomada de atitude:

- a) A condição humana, resultante da natureza do homem e das coisas, permanecendo fundamentalmente imutável para sempre.
- b) Baseando-se nesse pressuposto, pode-se determinar com clareza e sem dificuldade o bem humano.
- c) O alcance da ação humana e de sua conseqüente responsabilidade pode estar perfeitamente delimitado.

Seguindo essa mesma reflexão, para Hans Jonas, deve haver a construção de uma nova ética e essa nova ética é marcada culturalmente também impulsiona uma nova ação médica. Hans Jonas, *apud* Leo Pessini (2002, p. 129), comenta que “a técnica moderna introduziu ações de magnitudes tão diferentes, com objetivos e conseqüências tão imprevisíveis que os marcos da ética anterior já não mais podem contê-los”.

Por outro lado, António Araújo (2004, p. 110-111)

levanta sua crítica à ciência e à tecnologia por meio de uma pseudo ética agindo de forma demagógica. Isso consiste em afirmar que

A ciência emancipa o cotidiano enquanto sofisma, legitimando a demagogia de um progresso tecnológico que, na contramão da história, dá ensejo a novas formas de ignorância. (...) A pesquisa científica tira proveito dessa ignorância, renunciando uma metanarrativa tecnicamente possível, embora não sustentável, porque arrancada da estonteante degradação humana e ambiental.

Se olharmos a medicina do ângulo puramente tecnocêntrico, conseqüentemente, perceberemos o quanto se torna autossuficiente, desrespeitando muitas vezes princípios éticos estabelecidos. Como essa visão está muito presente no mundo da tecnociência e no mundo dos poderes economicamente sofisticados e instrumentalizados pelos grandes laboratórios que detêm o controle do mercado por meio de grandes produções de medicamentos independentemente dos efeitos causados nas pessoas, mantêm também o domínio de uma medicina voltada pura e simplesmente para uma realidade técnica, biotecnológica para um mercado consumista. Contudo, uma nova ética implica desestabilizar essa realidade mesquinha do mundo capitalista concentrador. Essa concepção tecnocientífica da medicina fere a dignidade do ser humano.

Segundo Abreu (2003, p. 207), “a antropologia médica crítica insurge-se contra essa medicalização global da sociedade, considerando que estão em perigo de serem medicalizados diversos tipos de relação ou fenômenos sociais”. Nessa mesma ótica, continua Abreu a se referir a Nancy Scheper-Hughes que propõe três

condições para se analisar uma antropologia médica crítica.

A primeira consistiria no afastamento face aos interesses da biomedicina: *'...an alternative and critically applied medical anthropology need first of all to disengage itself, dis-identify with the interests of conventional biomedicine'*. (...) Scheper-Hughes advoga uma idêntica desmedicalização da antropologia médica. Considera que a *'...scientific biomedicine is not adequate to the tasks of alleviating ontological insecurity in the post-nuclear age, or of responding to women's and men's somatized protests against a sexist social and moral, or responding to workers' hostility toward an advanced stage of industrial capitalism that treats them as superfluous'*.

A segunda proposição reporta-se à exploração de alternativas ao pensamento biomédico de características positivistas: *'...it concerns the development of na anthropological discourse on problematic, non-biological forms of healing in terms of their own meaning-centered and emic frames of reference, and as possible, indeed valid, alternatives to biomedical hegemony in our society and for people very much like ourselves... I am referring to what is labelled in the medical literature... unorthodox therapies.'*

(...) A terceira proposição que deve polarizar as atenções da antropologia médica - a radicalização do conhecimento e o sentido das práticas assistenciais: *'This final proposition for a critical medical anthropology begins with the recognition that many illness that enter the clinic represent tragic experiences of the world. A critical medical*

*anthropological discourse might begin by asking what medicine and psychiatry might become if, beyond the scientific goals and values they espouse, they began to recognize the unmet needs and frustrated longings that can set off an explosion of illness symptoms?* (Cf. ABREU, 2007, p. 207-208).<sup>3</sup>

Dado à necessidade de manter uma crítica sempre viva e construtiva da antropologia médica crítica, a pesquisadora Nancy Scheper-Hughes leva em consideração uma verdadeira, grandiosa e corajosa tomada de posição de rompimento com estruturas capitalistas puramente econômicas que visando ao lucro ameaça a própria condição humana de uma verdadeira explosão de doenças como ameaçadoras à condição humana e à vida humana. Por outro lado, a bioética busca manter um equilíbrio na reflexão crítica da ética teórica à ética prática sem se omitir quanto às exigências de princípios e valores éticos mais consistentes e coerentes com o mundo atual. Portanto, nesse aspecto, busca-se

---

<sup>3</sup> 1."Uma antropologia médica aplicada de forma alternativa e crítica necessita, primeiro de tudo, de desancorar-se e de desidentificar-se com os interesses da biomedicina convencional.

2."...trata do desenvolvimento de um discurso antropológico sobre a problemática das formas de cura não biológicas, no que diz respeito ao galopar do conhecimento e à moldura referencial émica, se possível, também válido, às alternativas para a hegemonia biomédica da nossa sociedade e para pessoas como nós. Refiro-me ao que é descrito na literatura médica... terapias não ortodoxas."

3."Um discurso antropológico médico e crítico pode iniciar com o questionamento sobre em que é que a medicina e a psiquiatria se poderão transformar, para além dos objetivos científicos e valores que adotam, começam a reconhecer as necessidades, ainda por definir, e as esperas frustradas que podem despoletar uma explosão de sintomas na doença?"

uma desconstrução de um mundo decadente em seus vários universos de percepção e construção de ideais e práticas que muitas vezes se tornam nocivas ao homem, principalmente, do lado da medicina e, conseqüentemente, das políticas públicas criadas pelos Estados de Direitos como o Brasil. Nesse sentido, no Nordeste brasileiro, a grande luta é buscar uma educação de qualidade e que forme a consciência crítica cidadã no sentido de refazer-se, reconstruir-se e, assim, fazer renascer novos horizontes e novos idealismos que gerem entusiasmo às novas gerações para manter viva a bandeira de luta pela segurança, pela justiça e pela busca do homem novo.

O olhar crítico da pesquisadora Nancy Scheper-Huges nos coloca numa atitude mais crítica diante de um progresso das ciências médicas que visam à cura da saúde a partir do valor econômico, pois a mesma visa a lucrar mais, enquanto a ética no cuidar requer um olhar mais humano para tratar e erradicar as doenças que afligem e matam a humanidade. Segundo Martins (2012, p. 37),

O direito à saúde está ligado ao poder econômico e às classes mais favorecidas socialmente. Saúde dentro da visão mecanicista e econômica, não tem nada a ver com os problemas socioeconômicos do povo pobre e as suas decorrências. Quem mais precisa do atendimento à saúde são justamente os excluídos pelo desenvolvimento da medicina. Esses não têm nem o básico para viver dignamente e, por consequência, tem abalada toda a sua estrutura de pessoa (de física a psicológica), tornando-se mais suscetíveis a enfermidade.

E, quanto aos profissionais da saúde, ele também faz a seguinte consideração a partir dessa ótica da medicina

tecnológica:

Os profissionais da saúde também são formados dentro do paradigma mecanicista e com a dependência da tecnologia, sentindo-se impotentes, pois não conseguem ver o outro de forma holística. Pensar a cura é eliminar a doença com a aplicação da técnica correta e/ou a administração de um medicamento, procurando compreender o outro dentro do seu contexto e fazer algo (com uma boa conversa) para estabelecer seu equilíbrio interior) (MARTINS, 2012, p. 37).

Ora, é considerando toda essa relação do pensar, da ética e do cuidar, as implicações humanas se articulam consideravelmente tendo em vista o homem e sua qualidade de vida como um princípio bioético central na construção de uma vida justa e mais humana.

## 5 Conclusão

*O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos.  
(Leonardo Boff)*

A questão fundamental que nos leva a pontuar tal reflexão sobre a ética, trata-se de estarmos vivendo uma transição na nossa sociedade de um desgaste ético significativo pelo peso da corrupção generalizada ferindo, portanto, os princípios fundamentais éticos da consciência social e pessoal.

Tratar de ética e ação humana corresponde à busca incessante de ver resgatada a práxis humana pela consciência de si e do outro. Por isso mesmo, ao tratarmos de tais questões, faz-se necessário pontuar que os fundamentos sobre ética, cuidado e saúde são

essenciais para a realização humana.

Partindo inicialmente da ética utilitária para a realização da ética do cuidar, implica num compromisso social relevante, pois é através da consciência de pertença que o homem é capaz de ser fiel aos princípios éticos fundamentais.

Quanto à ética de assistência e as políticas de mediação, significa que há uma relação profunda, porque as implicações éticas estão interligadas as atitudes de promoção humana, o que leva a uma consciência de humanização. O desejo de superação das situações-limite do ser humano faz o homem ser um gigante diante da própria natureza, pois é capaz de enfrentar e suportar muitas adversidades. Daí, serem importantes as políticas públicas, por exemplo, numa sociedade como mediações viáveis e eficazes na construção da cidadania.

Assim, a "*poiesis*", culturalmente implica que as ações humanas têm um fundamento lógico para que haja integração e interação social, política do fazer e do agir humano. Então, pensar a ética na atitude do cuidar é mostrar como "O cuidado faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, e conectado com tudo e com todos no universo" (BOFF, 199, p. 190).

## Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ABREU, Correia de. **Saúde, doença e diversidade cultural. Pensar a complexidade dos cuidados a partir das memórias culturais**. Lisboa: Stória Editores, Lda, 2003.

ARAÚJO, Antônio Fábio Medrado de. **Fundamentos de**



- antropologia bioética.** São Paulo: Annablume, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade.** São Paulo: Ática, 1993.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- DUBAR, Claude (2006). **A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação.** Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- CORREIA, José Albert e CAMELO, João. **A construção social e legislativa da mediação: Figuras e políticas.** In José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.), *Mediação: [D] Os contextos e [D] Os actores* (pp. 13-32). Porto: Edições Melhoramento, 2010.
- ENGELHARDT, JR., H. Tristram. **Fundamentos da Bioética.** São Paulo: Loyola, 1998.
- FERRY, Luc e VINCENT, Jean-Didier. **O que é o homem?** Sobre os fundamentos da biologia e da filosofia. Porto: ASA Editores II, S.A., 2003.
- FULLAT, Octávi. **Filosofia da Educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Vol. I e II. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MARTINS, Alexandre Andrade. **Modernidade e crise do ser: uma crise existencial, de sentido e ética.** In Alexandre Andrade Martins e Antonio Martini (Orgs.). *Teologia e saúde. Compaixão e fé em meio à vulnerabilidade humana.* (pp. 28-43). São Paulo: Paulinas, 2012.
- MOSER, Antônio. **Biotecnologia e bioética: Para onde vamos?** Petrópolis: Vozes, 2004.
- MOUNIER, Emmanuel. **A esperança dos desesperados.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

PESSINI, Leo e BARCHIFONTAINE, C. de Paul de. **Problemas atuais de bioética**. São Paulo: Loyola, 2002/03.

NEVES, Maria do Céu Patrão e OSSWALD, Walter. **Bioética simples**. Lisboa: Verbo, 2008.

PELIZZOLI, M. L.. **Correntes da ética ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, João Morgado. **Será possível uma nova medicina?**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 23, 185-191. 1987.

PETRONI, Ângelo Maria. **Perspectiva de liberdade de escolha em bioética e em assistência à saúde na Europa**. In H. Tristram Engelhardt (Org.), *Bioética global. O colapso do consenso* (pp. 318-356). São Paulo: Paulinas, 2012.

PO-WAH, Julia Tao Lai. **Uma abordagem confuciana a um “modelo de decisão compartilhada em família” na assistência à saúde: reflexões sobre o pluralismo moral**. In H. Tristram Engelhardt (Org.), *Bioética global. O colapso do consenso* (pp.. 212-242). São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Melhoramento, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O estado, a sociedade e as políticas sociais**: O caso das políticas de saúde. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 23, 13-74. 1987.

TORRALBA I ROSELLÓ, Francesc. **Antropologia do cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2009.

## Ermano Rodrigues do Nascimento

Graduado em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Católica de Pernambuco (1984), mestrado em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Pernambuco (1996), e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal. Atualmente, é professor adjunto I da Universidade Católica de Pernambuco. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: Bioética, cidadania, ética e sociedade, estado, democracia, teologia. Membro do Comitê de Ética da Universidade. Editor Adjunto da Revista *Ágora Filosófica*.

E-mail: [ermano.nascimento@unicap.br](mailto:ermano.nascimento@unicap.br)

*Submetido: 01/06/2020*

*Aprovado: 26/07/2020*